

ÜBERMENSCH: UMA PROPOSTA NIETZSCHIANA

ÜBERMENSCH: A NIETZSCHIAN PROPOSAL

Eduardo Marcos Silva de Oliveira¹

Recebido em: 01/2019

Aprovado em: 06/2019

Resumo: O presente artigo² pretende enfatizar a definição de uma das figuras de exceção na produção filosófica nietzschiana, o *Übermensch* (além do homem). Pretendemos com o presente artigo descrever a origem do além do homem e sua importância na filosofia nietzschiana como proposta a ser alcançada pelo homem na tentativa de afirmação da vida. Para compreendermos essa definição, iremos abordar a origem do conceito de *Übermensch* antes de seu emprego na obra de Nietzsche e como seu significado constituiu-se distintamente em sua filosofia das interpretações que o precederam.

Palavras chave: Nietzsche; *Übermensch*; Conceito; Cristianismo; Proposta.

Abstract: The present article intends to emphasize the definition of one of the figures of exception in Nietzschean philosophical production, the *Übermensch* (above-human). We intend with the present article to describe the origin of the above-human and its importance in the Nietzschean philosophy as proposed to be reached by the man in the attempt of affirmation of the life. To understand this definition, we will address the origin of the concept of *Übermensch* before his employment in Nietzsche's work and how its meaning was distinctly constituted in his philosophy of the preceding interpretations.

Keywords: Nietzsche; *Übermensch*; Concept; Christianity; Proposal.

Introdução

Nietzsche, ao longo de sua produção filosófica, busca compreender a cultura da modernidade através de um processo investigativo e diagnóstica dois determinados tipos³ de

¹ Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela PUC-Minas, bolsista CAPES. E-mail: edumasil@gmail.com.

² O trabalho apresentado é parte dos estudos realizados sobre O *Übermensch* nietzschiano e o cristianismo: Estudos da filosofia da religião em Nietzsche, sob orientação do professor Flávio Augusto Senra Ribeiro. Para nos orientarmos sobre as chamadas das obras nietzschianas, recorreremos a organização do original sugerida pela edição das Obras Completas de Colli/Montinari em *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München/Berlin/New York: dtv/Walter de Gruyter & Co., 1988. As demais obras serão apresentadas segundo as normas técnicas brasileiras.

³ Segundo Silva (2008), fatores de suma importância nas obras de Nietzsche é sua compreensão sobre personagens históricos e literários para exemplificar suas ideias. Desta forma, sua problematização avança sobre as formas de valoração e seus tipos são apresentados como forma de exemplificação. Com esse método, Nietzsche descreve através de sua tipologia uma abrangente compreensão do homem. Este apontamento figura tanto no campo filosófico, quanto cultural, psicológico e moral. No desenvolver de sua filosofia, Nietzsche busca exemplificar novos tipos como princípio valorativo que representam diferentes naturezas humanas, sempre possíveis de transformação.

vida, ficando mais elucidadas essa definição em sua obra *Ecce Homo*, propensas a um niilismo afirmativo ou ao niilismo negativo. Na primeira fase de sua produção, na obra *O nascimento da tragédia*⁴, encontra-se o gênio dionisíaco e sua capacidade de criação contrapondo-se ao gênio apolíneo que se estrutura na “justa medida”. Na segunda fase, também descrita como intermediária, é apontado, por um lado, os espíritos livres caracterizados por buscar afirmar à vida, libertando-se de dogmas e valores determinados e aceitando os impasses que a vida possa acarretar, sendo que através de seu “*páthos* da distância” (Cf. GM/GM, I, § 2) dos conceitos modernistas e dos princípios tradicionais da cultura, cria valores e encontram-se tendentes a vivenciarem um niilismo afirmativo. Do outro, a religião como ocasionadora do processo de decadência da sociedade, criadora de espíritos aprisionados que proporciona uma vida doente (Cf. EH/EH, *Por que sou tão sábio*, § 6) a seus adeptos, caracterizada por uma vontade fraca e um sentimento de culpabilidade com valores determinados, conveniente a sua estruturação e direcionados por um niilismo negativo. Por fim, na terceira e última fase de sua produção filosófica, Nietzsche (Cf. Za/ZA) apresenta o *Übermensch* (além do homem) e descreve os homens superiores como detentores da arte, da política e das pretensões sociais. Homens propensos a compreenderem o ensinamento de Zaratustra, capazes de buscar o acabamento da sociedade e criar novos valores contrapondo-se ao último homem que não cria e se anula.

Devido ao exposto, apresentamos o seguinte problema: qual a importância para Nietzsche de *ensinar* o além do homem? A fim de responder essa premissa, procuraremos abordar a questão, segundo a interpretação de Nietzsche, como possibilidade de afirmação da vida e da potencialidade do homem de criar e destruir, de afirmar e negar e de transvalorar os valores da tradição judaico-cristã.

Origem e elaboração do conceito de *Übermensch*

Inicialmente, entende-se pelo prefixo *über* um ir além de, sobre, supra, acima de, sendo que, para Nietzsche, a expressão além do homem não se refere à de um mito no qual se superaria a humanidade em sua derrocada, mas de um potencial do homem que jamais teria sido concretizado. Segundo Nietzsche (Cf. Za/ZA, *Dos sacerdotes*), “jamais houve um super-homem”.

⁴ É importante ressaltar que o termo niilismo não é apresentado em *O nascimento da tragédia*. Aqui, a expressão se encontra no sentido de vontade de nada, que, no transcorrer do pensamento nietzschiano, será interpretado como niilismo negativo. O niilismo descrito por Nietzsche sobre *O nascimento da tragédia* é um afirmativo, como definido pelo filósofo em *Ecce Homo*. Essa descrição faz-se necessária para melhor compreender as tipologias e figuras de exceção que acompanham a produção filosófica nietzschiana.

O conceito de um tipo superior ao homem encontra-se delineado em distintos momentos da obra nietzschiana. Segundo Paschoal (2007), o termo *Übermensch* não remete sempre ao mesmo significado. Para compreendermos essa constatação, faz-se necessário diagnosticar os três períodos distintos de seu pensamento sobre o *Übermensch*, os quais levam o termo a atingir respaldo em seu significado, e os momentos em que ele foi apresentado na filosofia nietzschiana. O primeiro⁵ momento, antes do termo se tornar explícito, foi escrito, segundo Kaulfmann (1974, p. 308), em um fragmento da sessão 143 de *A gaia ciência*, “A maior utilidade do politeísmo”, em 1882:

A invenção dos deuses, de heróis e de super-homens de todas as espécies, assim como de homens “marginais” e de sub-homens, de anões, de fadas, de centauros, de sátiros, de demônios e de diabos, foi uma inapreciável preparação à justificação do egoísmo e da soberania do indivíduo: a liberdade concedida aos deuses nas suas relações com outros deuses acabou a sociedade por si conceder a si própria, através das leis, dos costumes e dos vizinhos. (FW/GC, IV, § 143).

Foi a partir do ano subsequente, 1883, que o termo apareceu em um grande número de textos do filósofo. No prólogo de *Assim falou Zaratustra*, encontramos uma segunda menção ao termo. Ali o *Übermensch* é apresentado como o sentido da Terra, uma meta a ser alcançada, destacando o homem como um ser superável. Um terceiro momento pode ser identificado nos escritos posteriores a 1886, quando Nietzsche descreve sobre a ideia de um tipo mais elevado de homem.

O termo *Übermensch* recebeu destaque na obra de Nietzsche. Entretanto, tal expressão, segundo Janz (1985, p. 502), já havia sido utilizada por outros pensadores, principalmente na literatura alemã. Teria sido utilizada por Novalis,⁶ em sua crítica de um conhecimento absoluto firmado por Kant, dizendo que “este absoluto que é dado a nós só pode ser conhecido negativamente” (NOVALIS, 1960, p. 566, tradução nossa),⁷ sendo necessária uma superação do homem para realizá-lo. Heine,⁸ ao apresentar em sua obra *História da religião e da filosofia na Alemanha e outros* uma crítica à sociedade alemã e seus valores, se posicionava contra suas restrições, principalmente na arte, julgada por ele ultrapassada e inibidora da ascensão do

⁵ Existe uma divergência entre os pesquisadores de Nietzsche sobre o surgimento do termo nos escritos do filósofo. Para Paschoal (2007), ele aparece nos escritos de Nietzsche possivelmente como uma menção ilustrativa, nas obras de 1861.

⁶ Georg Philipp Friedrich Von Hardenberg (1772-1801), mais conhecido por seu pseudônimo Novalis, foi um dos mais importantes representantes do primeiro romantismo alemão de finais do século XVIII.

⁷ “diese absolute, die uns gegeben ist, kann nur negativ sein”.

⁸ Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856) foi um importante integrante do romantismo alemão, reconhecido como “o último dos românticos”.

homem. De acordo com Kaufmann (1974, p. 307-308), o termo *Übermensch* também teria sido usado por Luciano, Heinrich Müller, Herder, Jean Paul e Goethe.

O *hyperanthropos* já se encontra nos escritos de Luciano, no segundo século d.C. 1. – e Nietzsche, como filólogo clássico, estudou Luciano, sobre quem se referiu com frequência no seu *filológica*.⁹ Na Alemanha o termo já tinha sido usado por Heinrich Müller (*Geistliche Erquickungsstunden*, 1664), por J. G. Herder, por Jean Paul – e por Goethe, num poema (*Zueignung*) e no Fausto (parte I, linha 490), onde um espírito zomba de um assustado Fausto que o tinha evocado, e o chama de *Übermensch*. 2. É, portanto, característico que o jovem Nietzsche, primeiramente tenha adotado o termo em razão do poema de Byron Manfred – e não por causa da pessoa de Byron, como afirma Oehler no seu índice (XXXIII, 223) – e que Nietzsche chama Manfred um “*Übermensch* que controla os espíritos” (I, 38), assim se aproximando do uso feito por Goethe. (KAUFMANN, 1974, p. 307-308, tradução nossa)¹⁰.

Para Löwith (1958), a expressão *Übermensch* passou a ter uma definição filosófica a partir de 1844, com Max Stirner,¹¹ em sua obra intitulada *O único e sua propriedade*, onde o filósofo apresenta o egoísmo como aptidão do homem de se superar e criar sem o auxílio de um ser transcendente. Essa definição realizada por Stirner caracteriza-se como sendo instintiva ao homem, conduzindo-se por um desejo que o proporcione satisfazer-se, ou conscientemente, no qual o homem é capaz de abertamente escolher seus desejos e realizar-se. De acordo com Deleuze (1996), é na mencionada obra que Stirner se apropria da verdade da lógica ao instigar a natureza humana. Afirma Stirner:

Aquilo que tu és em cada instante é criação tua, e tu, o criador, não queres nem deves perder-te na tua “criatura”. Tu próprio és um ser superior a ti, superas-te a ti mesmo. Mas o que tu, enquanto egoísta involuntário desconheces, é que tu és aquele que é superior a ti, ou seja, que não és apenas criatura, mas também teu criador; e é por isso que o “ser superior” é para ti um... estranho. (STIRNER, 2004, p. 37).

É importante salientar que o termo *Übermensch*, em Nietzsche, é completamente distinto em sua filosofia da dos pensadores anteriormente citados. Enquanto os demais

⁹ *Philologica*, segundo Kaufmann (1974), refere-se à seção III (volumes XVII a XIX) das publicações de notas, fragmentos e outros materiais organizados pela irmã de Nietzsche, Elisabeth F. Nietzsche, entre 1910 e 1913. Esta seção contém artigos, notas de aula e outros materiais que refletem a carreira de Nietzsche como filólogo clássico.

¹⁰ “The *hyperanthropos* is to be found in the writings of Lucian, in the second century a.C. 1 – and Nietzsche, as a classical philologist, had studied Lucian and made frequent reference to him in his *philological*. In German, the word had been used by Heinrich Müller (*Geistliche Erquickungsstunden*, 1664), by J. G. Herder, by Jean Paul – and by Goethe, in a poem (*Zueignung*) and in *Faust* (Part I, line 490), where a spirit scorns the frightened Faust who has conjured him and calls him *Übermensch*. 2. It is therefore characteristic that the young Nietzsche first applied the term to Byron’s Manfred – not to Byron himself, as Oehler claims in his index (XXXIII, 223) – and that Nietzsche calls Manfred an ‘*Übermensch* who controls spirits’ (I, 38), thus closely paralleling Goethe’s usage.”

¹¹ Johann Kaspar Schmidt (1806-1856), mais conhecido pelo seu pseudônimo Max Stirner, foi um importante filósofo alemão. Atuou principalmente no campo do existencialismo e niilismo.

pensadores elaboravam o termo vinculados às referências “cristãs ou até antropológicas”¹², Nietzsche o fez desvinculando-o da moralidade religiosa. Além disso, é com ele que o termo passa a ter um significado mais elaborado. Na tradução para o português, o termo foi traduzido inicialmente por Machado como super-homem¹³. Posteriormente, Paulo César Lima de Souza¹⁴ optou pela tradução de além do homem. Esta última tem sido a utilizada por outros pesquisadores brasileiros de Nietzsche, como Oswaldo Giacóia Júnior, Rogério Miranda de Almeida e Scarlett Marton. A tradução mais aproximada do termo se faz necessária para não perder o real significado que *Übermensch* possui na filosofia nietzschiana, sem que a ele seja imposto possíveis contradições ou ineficiências que possibilitem deturpá-lo ou limitá-lo.

Tal concepção somente é possível no momento em que se compreende a terminologia da palavra, na qual Nietzsche expressa o seu projeto de homem, ou seja, além do homem é a forma que Nietzsche utiliza para descrever o objetivo a ser alcançado pelo homem que vai além do que existe até o seu presente, criando e valorando as possibilidades de sua autossuperação.

A proposta nietzschiana de *Übermensch*

Como averiguamos, o termo *übermensch* não é uma criação nietzschiana. Entretanto, é notório que em sua filosofia o conceito passou a possuir uma interpretação distinta a de seus predecessores. Mas qual a importância do conceito na filosofia nietzschiana? Nietzsche ao afirmar no prólogo de *Assim falou Zaratustra* “eu vos ensino o *super-homem*. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?”, apresenta no desenvolvimento da mencionada obra, uma constante relevância do que seria esse tipo superior ao homem e descreve sua crítica de diferentes modos, principalmente relacionando-o às questões morais. A afirmação de Nietzsche sobre tal problemática se faz devido sua crítica concentrar-se em uma

¹² Cabe-nos uma nota sobre o comentário de Ernst Benz. Em sua obra *Der Übermensch*, o autor busca apresentar a figura do *Übermensch* dentro de uma ótica cristã aludindo à perfeição de Deus. O homem como sua semelhança. A perfeição da natureza de Adão. Para o autor o conceito de *Übermensch* “possui um cunho genuinamente cristão” (BENZ, p. 26).

¹³ Segundo Roberto Machado (1997), “super-homem” é a melhor tradução para *Übermensch*. Principalmente porque “super” também tem o sentido de “sobre, supra, além, (...)” – um processo de autossuperação. Também pela possibilidade de traduzir *über* por super ou sobre como na tradução do termo psicanalítico *überdetermination* por superdeterminação ou sobredeterminação. Dessa forma, podendo ser interpretada como uma tradução mais eufônica e consagrada na língua portuguesa. Contudo, foi optado por manter a tradução do termo para além do homem ao longo da pesquisa, como nos orienta o professor e tradutor Rubens Rodrigues Torres Filho, em virtude dessa tradução, em nosso entendimento, se aproximar mais da proposta apresentada por Nietzsche, mantendo a expressão super-homem nas citações e ou traduções dos comentadores mencionados.

¹⁴ Paulo César Lima de Souza é doutor em Literatura Alemã pela USP. É editor e tradutor, coordena a coleção e tradução do filósofo alemão publicada pela Companhia das Letras desde 1992.

não autenticidade do pensamento cristão, impedindo o homem de ultrapassar-se, de buscar o além do homem. No prefácio de *Aurora*, afirma Nietzsche:

Denuncia-se aqui a confiança na moral – mas por quê? Por moralidade! [...] – e essa é a última moral que ainda se torna inteligível para nós, a última moral que, nós também, poderíamos ainda viver, se em alguma coisa somos ainda homens de consciência, é precisamente nisso: pois não queremos voltar ao que consideramos como ultrapassado e caduco, a alguma coisa que não consideramos como digno de fé, qualquer que seja o nome que lhe for conferido: Deus, virtude, justiça, amor ao próximo; não queremos estabelecer uma ponte mentirosa para um ideal antigo; temos uma aversão profunda contra tudo o que em nós quisesse reaproximar e se intrometer; somos os inimigos de toda espécie de fé e de cristianismo atuais; [...] – no caso de desejarem uma fórmula – a autossupressão da moral. (M/AA, § 4, *Prólogo*).

Da mesma forma, na obra *O anticristo* o filósofo apresenta uma crítica ao cristianismo, que travou uma guerra a esse tipo de homem superior, sendo a existência de um homem propenso a atingir o além do homem um fato incomum ocorrido em fases distintas do processo histórico da humanidade. Em contrapartida à sua essência – sua não igualdade perante os demais – reforçava a existência do que Nietzsche descrevia como sendo o cristão, comparando-o a um animal enfermo de rebanho, que inibe seus instintos em prol de uma busca transcendente.

O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na seqüência dos seres (– o homem é um *final* –); mas sim que tipo de homem deve-se *cultivar*, deve-se querer, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro. Já houve, freqüentemente, este tipo de mais alto valor: mas como acaso feliz, como exceção, jamais como algo *querido*. Ele foi, isto sim, o mais temido, foi praticamente o temível até agora; – e a partir do temor foi querido, cultivado e *alcançado* o tipo oposto: o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem – o cristão... A humanidade *não* representa um desenvolvimento para melhor ou mais forte ou mais elevado, do modo como hoje se acredita. O “progresso” é apenas uma ideia moderna, ou seja, de uma ideia errada. O europeu de hoje permanece, em seu valor, muito abaixo do europeu da Renascença; mais desenvolvimento *não* significa absolutamente, por alguma necessidade, elevação, aumento, fortalecimento. Num outro sentido se acha um contínuo êxito de caos particulares, nos mais diversos lugares da Terra e nas mais diversas culturas, nos quais um *tipo mais elevado* realmente se manifesta: algo que, em relação à humanidade como um todo, é uma espécie de super-homem. (AC/AC, § 3-4).

Podemos afirmar que o significado de além do homem, para Nietzsche, possui diferenciações de acordo com a problemática abordada em sua filosofia. Segundo Paschoal, tal problemática ocorre pelo fato de a expressão possuir “diferentes maneiras como aparece na obra de Nietzsche e pelo fato de que nem sempre designa a mesma ideia” (PASCHOAL, 2007, p. 118-119).

Entretanto, Nietzsche (Cf. EH/EH) renuncia qualquer relação que possa ter seu além do

homem com algum significado evolucionista científico ou concepção religiosa, descaracterizando qualquer tipo de interpretação transcendente. A figura do além do homem, na filosofia nietzschiana, possui características distintas da visão que o filósofo tinha sobre o homem de sua época. Inicialmente, porque o além do homem não seria uma proposta ao vento, mas uma meta a ser alcançada e, depois, porque, quando Nietzsche o descreve, ele o faz como uma crítica/proposta aos seus contemporâneos.

Super-homem é todo aquele que supera as oposições terreno-extraterreno, sensível-espiritual, corpo-alma; é todo aquele que supera a ilusão metafísica do mundo do além e se volta para Terra, dá valor à Terra. Nesse sentido, super-homem é superação, ultrapassagem. (MACHADO, 2005, p. 46).

Nietzsche estabelece a introdução ao conceito de valor e, dessa forma, elabora uma crítica à crença de valores absolutos. O além do homem nietzschiano é situado como uma referência a ser atingida por uma humanidade futura; ele é um critério de avaliação do homem; uma ultrapassagem do homem, tal como este se apresenta; uma necessidade de tornar-se – ou tentar – um *espírito livre* criador de novos valores. Um espírito livre se desfaz de possíveis adoções de crenças no intuito de se libertar da moral cativa.

Seguindo esta linha, Araldi afirma que para Nietzsche, mediante o espírito livre, não somente é apresentado um desapego e/ou uma crítica da tradição, mas “uma busca ligada intimamente à sua trajetória de vida, na tentativa de constituir um novo tipo de homem” (ARALDI, 2004, p. 220-221), desvinculado dos conceitos de um mundo transcendentes e perfeito.

Este mundo, o eternamente imperfeito, pareceu-me um dia a imagem de uma contradição eterna, e uma alegria inebriante para seu imperfeito criador. Da mesma forma dirigi eu, também, a minha ilusão mais para além da vida dos homens, à semelhança de todos os crentes em além-mundos. Além dos homens, da realidade? Ai, meus irmãos! Esse deus que eu criei era obra humana e humano delírio, como os demais deuses. Era homem, apenas um fragmento de homem e de mim. Esse fantasma surgia das minhas próprias cinzas e da minha própria chama, e realmente nunca veio de outro mundo. Que aconteceu, meus irmãos? Eu, que sofria, consegui dominar-me; levei minha própria cinza para montanha; descobri para mim uma chama mais clara. E vede! O fantasma desapareceu! (Za/ZA, *Dos transmundanos*).

Sendo o mundo em que a humanidade se encontra uma fábula criada pelo próprio homem, faz-se necessário livrar-se dos conceitos preestabelecidos que condicionam as próprias ações e pensamentos. Compreendendo o que retorna não como uma repetição, mas como algo novo. No fragmento póstumo de outubro de 1887, afirma Nietzsche:

Designo como extração de um excedente de luxo da humanidade, que deve vir à luz de uma espécie mais forte, um tipo mais elevado, que tem outras condições de conservação derivados que o homem mediano. Minha ideia, minha figura para esse tipo é, como se sabe, a expressão “além do homem”. (KSA, 10 [17], tradução nossa)¹⁵.

Considerável é a importância que possui o conceito em seu pensamento que em sua obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche descreve Zaratustra não como o além do homem, mas sim seu anunciador. Entretanto, segundo Löwith (*apud* FORNAZARI, 2000, p.1063), pelo fato de Zaratustra proclamar para si o eterno retorno, ele se torna um além do homem. O anúncio do além do homem pelo personagem capital da obra do filósofo surge em oposição ao último-homem, o qual Nietzsche elaborara nas três primeiras partes da mencionada obra. O que seria, para a humanidade, uma meta a ser seguida pelo homem que procura seu ultrapassamento ou um desprezo exercido pelo homem que possui um espírito de rebanho. Nietzsche havia previsto as possíveis atitudes a serem assumidas frente à perda dos valores morais-metafísicos-religiosos provenientes do advento do niilismo, seu real significado e a descoberta do detrimento do sentido de verdade (ou a condição de um mundo sem verdade), vendo no fim dos valores e na perda da verdade o advento de um processo decadente. É importante ressaltar que tais valores atuaram

[...] como antídoto ao niilismo, apoiando-se no ideal de veracidade. Mesmo com a dissolução da moral em sua vertente religiosa, o sentido da veracidade por ela inventado continua atuando nas ciências, nas artes, na política, na filosofia... Assim sendo, a modernidade representa para o filósofo tanto o esforço de substituir o deus transcendente por outros valores (razão, história, progresso), como também o vazio aberto pela percepção de que o deus transcendente já não exerce mais nenhuma influência sobre a existência humana. (ARALDI, 2004, p. 70-71).

Como consequência, a absorção dos ideais de veracidade nas múltiplas manifestações humanas culminou com o diagnóstico nietzschiano da morte de Deus. Sendo assim, proveniente do niilismo, a morte de Deus insurge, objetivamente, pela manifestação de forças¹⁶ na constante busca do homem por afirmação. E procedente dessa constatação, respaldados na vontade de verdade que seus fieis cultivam, Nietzsche descreve a existência do último-homem, em contraposição com a necessidade do homem de buscar o além do homem.

¹⁵ “Designo como la extracción de un excedente de lujo de la humanidad, que debe salir a la luz de una especie más fuerte, un tipo más elevado, que tiene otras condiciones de conservación derivados y que el hombre promedio. Mi idea, mi figura de este tipo es, como sabemos, el término ‘superhombre’.”

¹⁶ Importante ressaltarmos que Nietzsche compreende o sentido de criação do homem através das suas relações de forças e suas imbricações, tornando mais evidente sua definição de Vontade de poder.

Afirma Deleuze:

Não creiamos que o super-homem de Nietzsche seja uma oferta maior: difere em natureza do homem. O super-homem define-se por uma nova maneira de sentir: um outro sujeito que não o homem, um outro tipo que não o tipo humano. Uma nova maneira de pensar, outros predicados que não o divino, porque o divino constitui ainda uma maneira de conservar o homem e de conservar o essencial de Deus, Deus como atributo. (DELEUZE, 1996, p. 245).

O último-homem, para Nietzsche, é uma representação do homem moderno, um homem que busca outros significados para a vida, mas mantém-se à sombra do Deus morto. Segundo Machado (1997), a definição de Zarathustra sobre os últimos homens refere-se aos homens que não sabem o que é amar ou criar, considerando-se iguais uns perante os outros. *Zarathustra* apresenta uma proposta de criação que valoriza a Terra, diferentemente da contaminação advinda com o processo de decadência que se fortalecia na figura do último-homem.

Eu sou um prenúncio do raio e uma pesada gota procedente da nuvem; contudo este raio chama-se super-homem [...]. Falar-lhe-eis do mais desprezível que há, do último homem [...]. O seu solo conserva-se bastante rico, todavia será pobre, e nele não medrará nenhuma árvore alta. Ai! Está próximo o tempo em que o homem já não lançará sobre o homem a seta de sua ardente cobiça e em que as cordas de seu arco não conseguirão vibrar. Eu lhes digo: é necessário possuir um caos dentro de si para dar à luz uma estrela brilhante. Eu lhes digo: é necessário possuir um caos dentro de vós outros. Ai! Está próximo o tempo em que o homem já não dará a luz às estrelas; aproxime-se a época do mais desprezível dos homens, do que não pode desprezar-se a si mesmo. Vejam! Eu lhes apresento o último-homem. (*Za/ZA*, § 4-5, *prólogo*).

Para o filósofo, o amadurecimento do homem em busca de seu ultrapassamento é possível, no momento em que a sua vontade de poder seja estruturada em um pensamento trágico, compreendido por um eterno retorno e por um amor *fati*. Em Nietzsche, a relação entre o além do homem e o amor *fati* está diretamente conectada. Se o primeiro manifesta a afirmação à criação e à valoração da vida, o segundo não deve ser entendido como conformismo (Cf. *AC/AC*), mas como definidor do que deve se valorado.

Amor *fati*: seja este de agora em diante o meu amor. Não quero fazer a guerra ao feio. Não quero acusar nem mesmo os acusadores. Desviarei o meu olhar, será essa, de ora em diante, a minha única negação! E, numa palavra em grosso, não quero, a partir de hoje, ser outra coisa senão um afirmador. (*FW/GC*, IV, § 276).

Nesse viés, a problemática negação/afirmação apresenta, irrestritamente, as várias formas com que o homem possa se afirmar nas suas diversas manifestações e interpretações

sem dogmatismo, conformismo ou ressentimento, não aceitando os princípios cristianizados. Dessa forma, a definição de além do homem expressa uma nova síntese de valores na filosofia nietzschiana frente ao paradigma do cristianismo, devido sua formulação abranger uma perspectiva contrária à idealidade de um mundo restrito à moralidade cristã. Com isso, aceita e afirma a vida através de um eterno retorno que rompe com o idealismo de uma pós-vida e de um amor *fati*, sendo por este o desempenho nietzschiano de dizer *Sim* à vida em seu processo de ultrapassamento e transvaloração.

Considerações finais

A crítica de Nietzsche abrange o que é factual ao homem. Dessa forma, a importância da apresentação do além do homem como um dos marcos de sua filosofia possui um caráter essencial para a afirmação da vida em virtude de sua compreensão de ultrapassamento, diferenciando-se como uma proposta resultante de uma vontade de poder na qual impera sua transvaloração. Evidencia-se que a filosofia nietzschiana traz uma reflexão combativa sobre as bases do pensamento cristão de que os valores estipulados pela constante busca pelo conhecimento, antes pelo metafísico e posteriormente pelo científico, estão perdendo seu significado e não mais conseguem preencher a falta de sentido na vida do homem. Com isso, o além do homem apresenta-se como uma abertura para a afirmação do homem perante suas várias manifestações, para sua autenticidade perante a vida em contraposição ao estado de conservação imposto pela tradição da cultura cristã.

Nesse contexto, ressalta-se o combate existente no pensamento nietzschiano entre moralidade/cristianismo e além do homem/fidelidade a Terra como um dos caminhos a serem percorridos na crítica do filósofo no processo de afirmação e valoração da vida sob a perspectiva de uma desvinculação com a moralidade cristã através de uma transvaloração de todos os valores. Ou seja, a proposta do *Übermensch* nietzschiano é apresentada como uma possibilidade, um caminho para o homem frente ao processo de *desumanização* do mundo decorrentes da crise dos valores.

Referências

ARALDI, Clademir Luís. **Nihilismo, criação, aniquilamento:** Nietzsche e a filosofia dos extremos. Ijuí: Unijuí, 2004.

BENZ, Ernst. **Der Übermensch. Eine diskussion.** Zúrique: Rhein-Verlag, 1962, V.1.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Porto: RES, 1996.

FORNAZARI, Sandro Kobol. **O grande silêncio de Zaratustra**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 10, n. 6, p. 1061-1074, nov./dez. 2000.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche Biographie**. Paris: Gallimard, 1985.

KAUFMANN, Walter. **Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist**. 4. ed. Princeton: Princeton University Press, 1974.

LÖWITH, Karl. **Von Hegel zu Nietzsche**. Stuttgart: Kohlhammer, 1958.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996. (FW/GC)

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: FCA, 1985. (Za/ZA)

_____. **Aurora**. Petrópolis: Vozes, 2008. (M/AA)

_____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Porto São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (EH/EH)

_____. **Fragmentos póstumos**. Ed. espanhola dirigida por Diego Sanchez Meca. [S.l.]: Tecnos, 2010. v. IV, 1885-1888. (KSA)

_____. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (GM/GM)

_____. **O anticristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (AC/AC)

_____. **Sämtliche Werke**. Kritische Studienausgabe (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München/Berlin/New York: dtv/Walter de Gruyter & Co., 1988. (15 Einzelbänden).

NOVALIS. Fichte Studien. In: **Novalis Schriften**. Stuttgart: Kohlhammer Verlag, 1960. v. 2.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **A palavra Übermensch nos escritos de Nietzsche**. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 23, p. 105-121, 2007.

SILVA, Vagner. **A tipologia nietzscheana**. *Dialogia*, v. 7, n. 1, p. 103 – 112, 2008. Disponível em: <www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/dialogia/dialogia_v7n1/dialogia_v7n1_4h08.pdf> acesso em: 20 mai 2012.

STIRNER, Max. **O único e sua propriedade**. Lisboa: Editores Refractários, 2004.